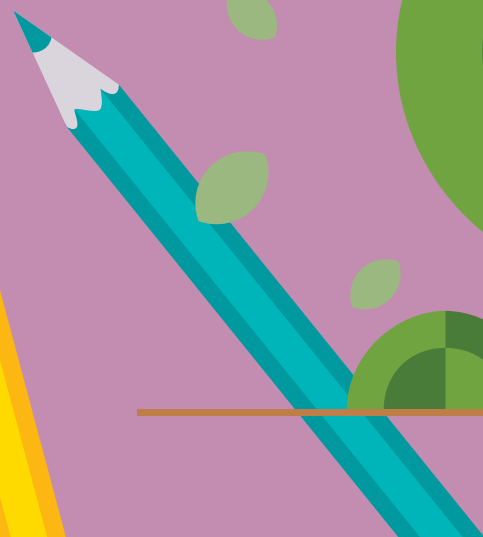


CAPÍTULO 2

Ambiente da escola na educação: cenário atual, perspectivas e experiências renovadoras



O CAQI – CUSTO ALUNO-QUALIDADE INICIAL – E A LUTA POR UM PADRÃO MÍNIMO DE QUALIDADE PARA AS ESCOLAS BRASILEIRAS

O direito a uma educação de qualidade está previsto na Constituição Federal, além de inúmeros outros instrumentos legais. Ou seja, é lei. Apesar disso, a distância entre o que ela estabelece e a realidade das escolas públicas do Brasil é nítida.

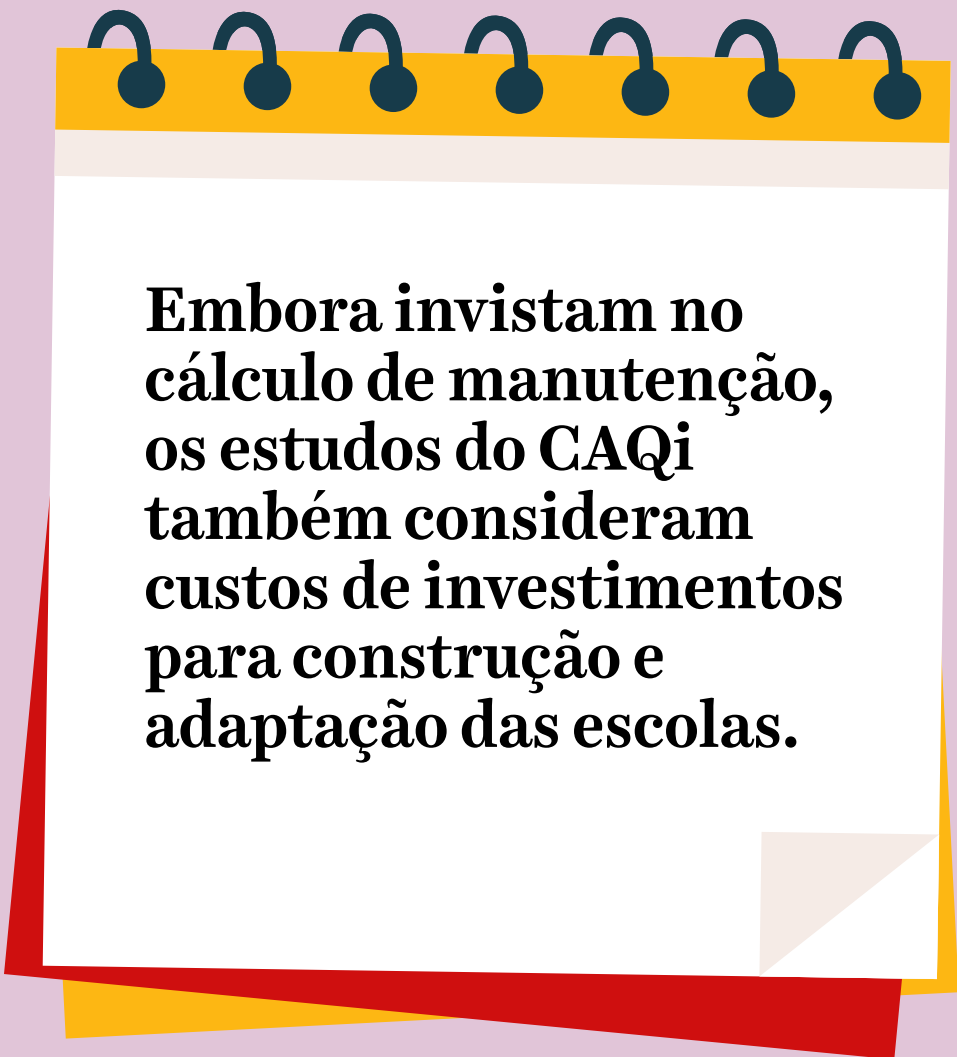
Numa tentativa de fazer a diferença e estimular a definição de um padrão mínimo para que os estudantes brasileiros consigam aprender e se desenvolver, em 2006, a Campanha Nacional pelo Direito à Educação lançou o CAQi, Custo Aluno-Qualidade Inicial, um indicador que mostra **quanto deve ser investido ao ano por aluno de cada etapa da educação básica.**



Para realizar o cálculo, considera condições como tamanho das turmas, formação, salário e carreira compatíveis com a responsabilidade dos profissionais, instalações, equipamentos, infraestrutura e insumos como laboratórios, bibliotecas, quadras poliesportivas, PIB e cesta básica, entre outros.

Desenvolvido após um longo processo de estudos, consultas, debates e trabalho coletivo com os mais diversos atores do campo educacional – do Ministério Público e do Poder Executivo Federal a professores e pais de alunos –, o CAQi foi revisto, adaptado, oficializado na Lei do Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado, em 2010, por unanimidade no Conselho Nacional de Educação (CNE) e, hoje, está plenamente reconhecido como instrumento basilar para a consagração do direito à uma educação pública de qualidade. Não entanto...

NUNCA SAIU DO PAPEL: NÃO FOI OFICIALMENTE IMPLEMENTADO NAS REDES PÚBLICAS – O QUE PODE SER SENTIDO NA PRÁTICA, INCLUSIVE NO QUE SE TRATA DO AMBIENTE ESCOLAR.



Embora invistam no cálculo de manutenção, os estudos do CAQi também consideram custos de investimentos para construção e adaptação das escolas.

A ARQUITETURA PRESENTE NA GRANDE MAIORIA DAS ESCOLAS NÃO INDICA QUALIDADE

Estudos sobre os ambientes físicos de escolas da rede pública no Brasil apontam que os aspectos específicos dos projetos não cumprem requisitos mínimos previstos em lei.

De acordo com o Censo Escolar 2015, somente 4,5% das escolas do país têm todos os itens de infraestrutura que deveriam ser garantidos – ou seja, o panorama está longe do desejável e do adequado. O levantamento levou em consideração acesso à energia elétrica; abastecimento de água tratada; esgotamento sanitário e manejo de resíduos sólidos; espaços para a prática esportiva, para acesso a bens culturais, artísticos e equipamentos e laboratórios de ciências, além de acessibilidade por pessoas com deficiência.

Visitas a escolas e entrevistas com alunos, professores e gestores escolares confirmam facilmente a estatística: ao falar sobre arquitetura e infraestrutura, frequentemente a reivindicação imediata é por “portas nos banheiros”. Além disso, há uma enormidade visível de “puxadinhos”, obras improvisadas e realizadas com pouca reflexão sobre usuário e funcionalidade.

O AMBIENTE DE MUITAS ESCOLAS TENDE AO CONTROLE E A RELAÇÕES VERTICAIS, ENQUANTO A ADOLESCÊNCIA É MARCADA PELA BUSCA DA AUTONOMIA

Além da falta de infraestrutura básica e do pouco conforto das escolas da rede pública brasileira, em geral a maneira como elas são organizadas também não favorece a conexão entre educadores e alunos.

A configuração das salas, com cadeiras enfileiradas voltadas para o professor o tempo todo, valoriza a autoridade e não o protagonismo

dos estudantes, desmotivando-os. Eles devem permanecer sentados, não podem conversar, o acesso às áreas de lazer é limitado e os corredores, vigiados. Para completar, eles também não são bem-vindos na sala de professores, o espaço da diretoria fica igualmente separado e grades, chaves, sinais sonoros e janelas altas são abundantes.



Essa atmosfera entra em choque com um dos traços mais marcantes da adolescência, que é exatamente a busca por autonomia: o adolescente começa a se sentir dono do próprio corpo, das próprias ideias e escolhas.

EM TERMOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS, A COMPREENSÃO SOBRE COMO DEVEM SER AS ESCOLAS DO SÉC. XXI DEIXA A DESEJAR – E O SENSO COMUM, TAMBÉM. É PRECISO AVANÇAR E FLEXIBILIZAR!

“

As políticas públicas de educação no Brasil, sejam elas federais, estaduais ou municipais, pouco tocam na questão da infraestrutura, apesar ser ponto pacífico que, sem espaços de qualidade, não pode haver boa educação. E quando tocam, o fazem através de manuais que se restringem à metragem mínima, iluminação e ventilação, dentro do código de obras e de vigilância sanitária. Estes parâmetros são desenvolvidos sem nenhuma relação com os projetos político pedagógicos ou com

os planos de educação, e sem a participação da comunidade escolar. Essa situação ocorre para todas as etapas da educação, desde a educação infantil até o nível universitário.

No caso do Fundamental II, não é diferente. O senso comum aponta que para essa etapa bastam salas de aula, biblioteca, sala de informática, administração e serviços. Quase não se dá importância às áreas externas, espaços de convívio para a comunidade escolar ou vol-

tados comunidade local. Pouco se trabalha também a relação da unidade educacional com seu entorno, com o bairro e com a cidade onde se localiza. Sendo que todos esses itens são de fundamental importância para a qualidade da educação, segundo a concepção de educação integral de comunidade de aprendizagem e de cidade educadora. Aspectos que colaboram intensamente para a qualidade dos processos educativos dentro e fora das escolas...

...O controle do tempo e do espaço é a principal forma de dominação que uma escola exerce. O que se vê na maioria delas é que todos os estudantes devem estar quietos, sentados dentro da sala de aula por intervalos repetidos de 50 minutos, para, então, ter uma breve pausa no pátio e voltarem para a sala de aula novamente. Nesse contexto é importante que a escola consiga trabalhar a flexibilidade, a itinerância, e tentar quebrar essa rotina tão pesada. Essa mudança pode se dar em diversas escalas: tempo, espaço, mobiliário. Tempos flexíveis que permitam aulas mais longas, mais curtas, mais intervalos, menos rigidez. Espaços flexíveis que permitam atividades fora da sala de aula, no pátio, em meio à natureza, na cidade. Mobiliários flexíveis que permitam diferentes organizações espaciais dentro das salas de aula, cadeiras que possam ser levadas de um lugar pra outro, painéis móveis que ampliem e reduzam os espaços, redes nas árvores, janelas com várias opções de abertura. ”

Beatriz Goulart, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, atuando no campo de formação, pesquisa e produção de espaços educativos escolares e urbanos.



[EXPERIÊNCIA INSPIRADORA]

Para além dos muros: estudantes transformam bairro e dão novo rumo à escola

O que mais incomoda vocês no bairro em que vivem? E no caminho entre as suas casa e a escola?” Essas duas perguntas inspiraram um grupo de alunos do nono ano da EMEF Assad Abdalla, na zona leste de São Paulo, a se aproximarem de seu território, em um processo que deixou marcas profundas.

O projeto “Para além dos muros da escola: intervindo no Jardim Maringá” foi elaborado a partir de uma pesquisa geral realizada com os próprios alunos sobre os temas que lhes interessavam – através dela, os professores repararam que os adolescentes se sentiam muito

incomodados com o lugar onde viviam. Assim, resolveram conectá-los para que, juntos, transformassem com as próprias mãos alguns espaços públicos, como uma praça, um clube, um escadão e um centro comunitário.

Atuando em comissões, estudantes e educadores foram às ruas, aplicando na prática os saberes desenvolvidos em aula: a matemática, por exemplo, foi usada para pensar as mudanças estruturais e o português, nas entrevistas com moradores da região e na divulgação das ações. Logo, o impacto da movimentação mobilizou turmas diferentes, outros membros da escola e, também, de todo o bairro.

Todo material usado para grafitar, construir e requalificar os espaços veio da escola e de doações da comunidade – mas foi a autonomia dos estudantes e a flexibilidade da instituição que fizeram a transformação acontecer. “O protagonismo estudantil, essa ideia de que se eles não participarem de suas realidades, ninguém vai fazer por eles, foi algo muito forte que vimos nas falas. Isso mudou radicalmente a relação com o bairro e com a educação”, afirma a professora Cláudia Acorinte da Costa, uma das responsáveis pela iniciativa, ressaltando ainda o envolvimento e apoio da direção e da coordenação. “Sem isso, nada teria saído do papel. Agora temos até professores sendo realocados para nossa escola, para aprofundarmos cada vez mais a transformação.”



Fonte: Portal Porvir, Estudantes transformam bairro e dão novo rumo à escola (<http://bit.ly/comunidade-transformacao>).

A ARQUITETURA PODE PROMOVER RELAÇÕES MAIS HORIZONTAIS E O DIÁLOGO ENTRE ALUNOS, PROFESSORES, GESTORES E O ENTORNO

Uma nova arquitetura pode quebrar dinâmicas de separação, quando traduzida, por exemplo, em salas projetadas para alunos interagirem e produzirem projetos colaborativamente; salas em que professores e alunos possam sentar em roda para dialogar; prédios mais transparentes, com menos muros e mais janelas; áreas de integração entre professores, alunos e gestores; salas de professor e diretoria mais abertas ao corpo discente, entre outros.



+ Encontre aqui dicas de como aproximar escola e comunidade para a valorização dos espaços em <http://bit.ly/envolvimento-comunidade>.

[EXPERIÊNCIA INSPIRADORA]

No palco, Vittra School, na Suécia

A Rede Vittra é composta de 35 escolas com arquitetura fora dos padrões, sem tantas paredes e salas de aulas, espalhadas pela Suécia. No lugar das tradicionais mesas e carteiras, uma caverna é ideal para os momentos individuais de concentração; para experimentar cores, materiais e formas, existe um laboratório a ser explorado; para apresentar as descobertas, um palco!

Aliado ao projeto pedagógico, o design inovador estimula a criatividade e potencializa o aprendizado, e os horários dos estudantes é simpli-

ficado, para que tenham tempo de desenvolver projetos, muitos deles manuais e que estimulam diferentes formas de expressão (vocal, linguagem corporal, teatral...).

Para a construção dos ambientes de envolvimento e interação, a escola contou com uma equipe multidisciplinar, formada por arquitetos, professores, designers, artistas, comunicadores e, também, crianças.



A ARQUITETURA EXERCE INFLUÊNCIA DIRETA NA AUTOESTIMA DOS ALUNOS E DE TODA A EQUIPE ESCOLAR

A arquitetura da escola pode contribuir para uma atmosfera estimulante e vibrante – para isso, precisa oferecer espaços agradáveis e propícios à valorização do conhecimento e da cultura produzida pelos alunos e professores: coloridos, limpos, bem cuidados, com entrada convidativa, áreas para a exposição de trabalhos, li-

berdade de circulação e autonomia aos alunos. **Cuidar da arquitetura e do espaço da escola contribui para aumentar a autoestima de todos – alunos, professores e funcionários.**

Um ambiente vibrante eleva a autoestima e estimula o aprendizado!

